

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1908

N.º 220

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIO — Victor E. Looz.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.



*Ao Conde Almirante Castilho
 Sua muito afeiçoada*

Amelia
1904.

S. M. a Rainha Senhora D. Amelia

Reprodução do quadro de V. Corcos, existente no paço das Necessidades

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA



A sr.^a D. Maria Amalia de Barros e Saldanha (Villa Nova da Rainha)

Ilustre e entusiástica representante da nobreza aliada ao talento e ao saber, a dama que honra hoje esta pagina do *Brasil-Portugal* occupa na melhor sociedade de Lisboa um dos mais altos e considerados lugares.



Uma festa d'Entrudo em 1908. — Crianças das famílias Arnoso, Asseca, D. Luiz de Castro, Fernando Anjos, Hogan Teves, Manuel de Castro Pereira, Penha Garcia, Ribeiro Ferreira e Xavier da Costa
(Phot. de Diogo Falcão Possolo).

De seu avô o visconde de Santarem e de sua mãe a viscondessa de Villa Nova da Rainha herdou a sr.^a D. Maria Amalia de Barros e Saldanha, com o sangue que nobilita, qualidades que dão realce á nobreza e constituem individualidade.

É pelos primores da educação e pelos dotes que a caracterisam que a nossa biographada é uma das figuras em destaque na primeira sociedade de Lisboa.

GIII.

EM FÓCO



Julio Jardim de Vilhena

Um dia em longinquo sertão africano, commandando o posto avançado de Zavala, para castigar o regulo que lhe desobedece e desacatara a soberania de Portugal, temerariamente, com um punhado de homens, internou-se no matto e recebeu o seu baptismo do fogo para manter bem alto o pavilhão das quinas.

Governando, mais tarde, o districto de Inhambane, uns inglezes de má morte vendendo-o na idade das ambições e da inexperiencia ousaram pretender do jovem governador a impunidade para certos negocios illicitos mediante grossas vantagens. O jornal de Lourenço Marques por onde conhecemos este facto relata que o nosso perfilado, prevenido das intenções dos taes inglezes, logo que entraram no seu gabinete os zurziu com esta chicotada: Já sei o fim que os traz aqui, mas enganaram-se de rumo, porque um official portuguez, seja ou não governador, não vende a sua consciencia por dinheiro algum.

Estes dois episodios de sua curta ainda mas já honrosissima carreira classificam-n'o como militar e como funcionario.

E ao vê-lo agora em S. Carlos, na Avenida, na patinagem, nos salões do high-life, singrando na sociedade elegante com a mesma maestria com que singrava no rio Zambeze a lancha de guerra de seu commando, mal se adivinhara n'esse moço risinho, nervoso, despreocupado, fino, apurinado na sua farda tão discretamente distincta, cortada pelas agulhetas de official ás ordens do sr. ministro da marinha, ou na correção britannica do futo civil, o homem valente e austero, que ao iniciar a vida na Africa inhospita, tão altiva e energicamente soube guardar a honra e o brio da patria.

Ruy Trigueiro.



Sua Eminência o sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa
D. Antonio Mendes Bello

O actual patriarcha de Lisboa é um dos prelados de mais vasta illustração que conta o alto clero portuguez. Os seus artigos proficuentes e elegantes, os seus discursos na camara dos pares, as suas orações sagradas, provam os altos recursos do espirito e a riqueza das suas faculdades.

E um dos mais bellos trabalhos do sr. Antonio Mendes Bello, quando arcebispo-bispo do Algarve, que a seguir reproduzimos. É o preambulo, firmado pelo seu nome illustre, e publicado em 1898 na Grande Edição Manuscripta dos Lusíadas.

PREAMBULO

DE

Sua Ex.^a Reverendissima, o Arcebispo-Bispo do Algarve

A commemoração festiva dos acontecimentos que mais engrandeceram um povo e mais realçam e sublimam as paginas da sua historia, sobre significar a observancia de um imperioso dever, vem ainda instillar nos corações alentos, energias a coragens, que podem traduzir-se em abençoadas e salutar fructos.

Encontra-se n'esse caso o facto heroico, a estupenda façanha, cuja solemnização está despertando em Portugal, e até no estrangeiro, a mais viva emoção, a par do mais caloroso e fervido enthusiasmo.

Muitos são os monumentos de grandeza e de gloria, com que nos-
sos maiores enriqueceram e engrandeceram a terra, que lhes foi berço, não podendo deixar de haver-se como um dos mais assignalados e famosos o descobrimento do caminho das Indias por Vasco da Gama, descrito e narrado pelo immortal cantor dos Lusíadas, livro d'ouro, que, pregoando as nossas aventuras maritimas e pasmosos empreendimentos, afirma a autonomia e accentua a individualidade da Nação Portuguesa.

Rememore-se, pois, esse arrojado commettimento, essa proeza épica: glorifique-se e alte-se quem, com tão assombrosa e feliz intrepidez o emprehendera e realisara.

Reclama-o a justiça, exige-o a gratidão, e intima-o o patriotismo.

Entregar a lastimoso olvido os factos que mais exaltaram, outr'ora, o velho e valente Portugal, onde ainda hoje se não piza um palmo de terra, que não testemunhe prodigios de heroismo, nem se nos defronta um só templo venerando, cujas pedras não recontem virtudes passadas, não ficaria bem nos descendentes d'esses audazes navegadores e soldados aguerridos que, com esforço supremo e não

raro, através de cruelissimas torturas, puderam e souberam legar-nos padrões de gloria inesquecivel.

Mas, lembrando as navegações, os descobrimentos, as conquistas, tudo, enfim, quanto, em tempos idos, contribuiu para cerca do universal respeito e admiração o nome portuguez; evocando a memoria queridissima d'esses vultos gigantes, que tão alto ergueram o poder e a fama, a reputação e o prestígio da terra, que tanto amaram, justo e necessario é não esquecer a causa principalissima que



A posse do novo patriarcha

A commissão que, em nome dos habitantes de Gouveia, veio cumprimentar Sua Eminencia

(Cliché de A. C. Lima).

inspirara aquellas sublimadas façanhas, accendera e inflammara estas dedicacões inquebrantaveis, fructuosas e tenacissimas.

As paginas mais brilhantes da historia da Nação Portuguesa escreven-as, por sem duvida, o sentimento nacional, sustentado, fortalecido e vivificado pela fé religiosa. O patriotismo, sentimento nobilissimo, natural, irreprimivel, e tão alevantado e vivaz, que, mesmo longe da patria, por entre os gozos da abundancia ou tragando os infortunios do exilio, o homem lhe consagra devotissimo affecto, confrangendo-se, angustiado, ao mais ligeiro rumor de qualquer desgraça d'ella, ou exultando, jubiloso, se a sabe accrescentada em honras e grandezas.

E quando esse sentimento se mostra animado do espirito de sacrificio, que a Religião Christã inspira, não ha hesitações, nem sustos, nem ameaças, nem perigos, que abalem, detenham, desalentem ou afastem o homem de, a bem da patria e pela sua prosperidade se expor aos mais arriscados lances, verter o seu sangue e dar a propria vida.

Foi o patriotismo mais acendrado, em alliança intima com a fé catholica mais firme e robusta, que impulsionou, dirigiu, aqueceu e illuminou o valorosissimo Gama no feito estupendo, contado no seu immortal poema pelo nosso Camões, poeta crente e fervoroso christão.

Aos inimigos da nossa fé disputámos, palmo a palmo, esta nossa abençoada terra, e foi ainda a fé que, apenas sabidos do berço e con-



A posse do novo patriarcha

Sua Eminencia á sahida de S. Vicente

(Cliché de A. C. Lima).

stituidos em Nação, nos impellira a paragens longinquoas, nos encaminhara para climas ignotos, para contingentes inhabitados, para gentes embrutecidas e barbaras, e lizera com que, em menos de um seculo, domassemos a Africa, descobrissemos a America, levantas-



A posse do novo patriarcha

A carruagem conduzindo Sua Eminência

(Cliché de A. C. Lima).

A legião de cavalleiros portuguezes que sob o seu commando alli permanecia contra as arremetidas dos mouros tambem não podia ser nem mais audaciosa, nem mais escolhida. Era um troço nobilissimo de bravos, que mostrou finalmente todo o seu heroismo em diversos recontros e, muito especialmente, mediante um successo que deu bravo e ficou memoravel.

Foi o caso que, enfermado gravemente o porteiro dos coutos de Arzilla, que Diogo Pires se chamava, recitaram-lhe os physicos, ao que diz o auctor do *Portugal Antigo e Moderno*, que tomasse quanto antes um caldo de kágados.

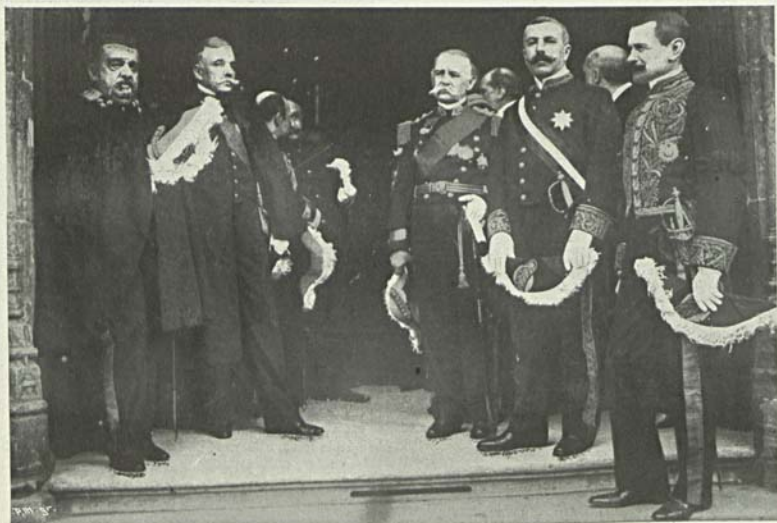
Este remedio do seculo xiv cremos que passava por especifico soberano contra as doencas do peito e, por conseguinte, contra a typhica pulmonar. Logo, a doença de Diogo Pires não era outra senão essa, cotado.

Estava, pois, tuberculoso o porteiro, e só um caldo de kágados, segundo a melhor therapeutica de então, o poderia salvar. Ora os kágados era o menos, porque os havia de sobra alli mesmo, em Arzilla, n'um rio que ficava a certa distancia da praça.

O peor era ir por elles, visto que a gente do rei de Fez estava sempre á cóca, a vér se da villa sahia qualquer dos cavalleiros portuguezes, para lhe dar para baixo.

Em vista d'isto, que o caso realmente não era para graças, houve uma tal ou qual indecisão, quanto a ir-se buscar kágados, a fim de dar ao doente o caldo milagroso. Não era muito facil a empresa.

Precisamente n'aquella occasião, conforme se lê na *Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas, andava o rei de Fez em correria nos arredores de Arzilla, e por isso não deixava de ser perigoso o pas-



A posse do novo patriarcha. — A' porta da egreja da Magdalena, aguardando a chegada de Sua Eminência

Os srs. presidente do conselho, ministros da justiça, guerra, marinha, estrangeiros e obras publicas, e marquezes de Penafiel e Castello Melhor, representantes da familia real

semos emporios, constituíssemos reinos, e ligássemos perpetuamente o nome portuguez á maior das revoluções commerciaes, á communição facil e ignorada do Oriente com o Occidente.

Que a rememoração dos feitos grandiosissimos, que tanto sublimaram a nossa amada patria, nos incite e nos estimule a imitar em ardores de patriotismo e nas manifestações de creença e fé catholica aquelles que os emprenderam e consummaram, como se torna mister nos dias que vão correndo, dias tormentosos, pelos infortunios soffridos, e por outros ainda maiores, que tanto nos ameaçam, são os meus votos, intimos, fervorosos e cordialissimos.

Faro, 2 de abril de 1868.

† ANTONIO, ARCEBISPO-BISPO do ALGARVE.

Caldo de kágados

Ahi por volta de 1520 estava governando a praça de Arzilla o conde de Marialva D. João Coutinho, que foi um dos mais nobres e esforçados heróes d'aquelle bello tempo de verdadeiras façanhas em Africa praticadas pelos nossos maiores.



A posse do novo patriarcha

O cortejo sahindo da egreja da Magdalena

(Cliché de Benoit).



A posse do novo patriarcha. — Sua Eminencia a caminho da Sé, lançando a bênção



A posse do novo patriarcha. — Aspecto da procissão no largo de Santo Antonio da Sé

(Clichés de Benoliel).

seio, e era muito possível que os taes kágados curassem de uma vez para sempre o bom do Diogo Pires da sua doença de peito».

Como, porém, se tratava de praticar uma acção humanitária, não recuarem ao cabo de contas, deante de taes receios, os audaciosos cavalleiros portugueses.

Uns vinte se juntaram «dois dos mais exforçados e de nobre procedencia», como diz Pinho Leal, e elles lá foram nos seus fogosos ginetes, em cata dos kágados para o caldo do enfermo». Viu-os sahír um almocadem do rei de Fez, conta agora outro auctor, e jul-



A posse do novo patriarcha

A' sahida da Sé. — Sua Eminencia lançando a bênção
(Cliché de A. C. Lima.)

gando almogaraves que saíam a descobrir campo, correu a avisar o acampamento.

«O rei de Fez era bellicoso, e não quiz deixar passar o ensejo de levar para a sua capital uns vinte prisioneiros portugueses, em represalia de tantos que os nossos todos os dias lhe tomavam... Montou a cavallo e sahíu para o campo.

«Mas os heroes, não dando por nada, tendo até alcançado o Rio Dóce, que assim o rio se chamava, sem encontrarem viv'alma, e julgando-se, portanto, sem perigo, apearam-se, despiram-se e lançaram-se á agua, que, na verdade, parecia convidal-os a um banho para refrigerio da epiderme crestada pelas ardencias do sol africano».

Estavam elles n'isto, a banharem-se, e á pesca dos kágados, quando de subito lhes apparecem os mouros, pondo-lhes cerco e desafiando-os para a lucta!

Não se descreve o que então ae passou, tanto por parte dos que estavam de mólho, como no tocante aos que os surpreenderam. Aquillo só visto. Todavia, os auctores que este caso narraram, affirmam todos elles que os vinte guerreiros não quizeram saber de mais nada se não de salvar o respectivo pello, d'esta vez sem figura de rhetorica, porque tomavam aquelle banho liberrimamente.

A rhetorica foi saltarem logo todos para fóra de agua, e, tal qual como estavam, nus em pellote, como nymphas da ilha dos Amôres, sem tempo, sequer, para sellarem os cavalllos, nem tão pouco para vestirem as camisas, desencravaram as lanças do chão em que as tinham espetado, montaram em osso, e agora o vereis!

Seguiram-nos os mouros em identico galope, ou mais desenfreada correria, mas elles, defendendo-se o melhor que podiam, atiravam lançadas para a direita e para a esquerda, e cada vez mais augmentavam a brida.

Um dos heroes, ao que refere Pinheiro Chagas, chegou a cahir do ginete e ia sendo prisioneiro. Mas o chefe do partido, que se chamava Antonio Coutinho Mourisso, foi em soccorro d'elle, tomou-o na garupa do seu cavallo «e lá se foi juntar assim á graciosca cavallgada, depois de ter repellido ás lançadas os mouros mais proximos».

A este tempo, porém, já estavam tangendo a rebate na praça, desesperadamente.

D. João Coutinho, ouvindo o aviso, sahíu desde logo com outros guerreiros a proteger a retirada d'aquelles perseguidos, mas, depois, quando os mouros desandaram e o perigo se foi, encarando-os melhor, e, vendo ante si aquelle trôço de nus, não poude conter-se e desatou ás gargalhadas.

Proverbios francezes

A quem tem o seu pão no forno podemos dar do nosso bolo.

Não ha banquete por mais rico em que alguém não jante mal

Quatro olhos, a um tempo, nunca viram um phantasma.

O noivado vae a cavallo e o arrependimento á garupa.

Parece sempre á vacca velha que nunca foi bezerra.

Em pequenas caixas se mettem os bons unguentos.

A gloria é uma flôr de cemiterio.

E' sempre a peor roda a que chia.

Quem nada faz já bastante dorme.

Em pequena fonte se bebe á vontade.

A balança quando trabalha não conhece ouro nem chumbo.



Santa Amélia

A formosa cabeça ao céu erguida,
Cabellos presos n'uma regia c'róa,
Menos no resplendôr do que na vida
De seus olhos se vê quanto foi boa.

Uma grossa corrente lhe agrilhôa
As mãos, n'uma ternura dolorida,
E, os pés na terra, eu penso que ella vò
E que eu proprio a acompanho na subida.

D'um hombro cae-lhe um manto de rainha,
Ao outro encosta uma formosa palma,
Escolhida de Deus, portanto minha.

Tal Santa Amélia — humilimo desenho! —
Que é tão bonita e tem a mesma alma
E o mesmo nome d'uma irmã que eu tenho.

Guedes Teixeira.

O carnaval em Lisboa



Festival no Colyseu dos Recreios

Offerecido pelo "Seculo"

ÀS CRENÇAS DE LISBOA

Ao alto, o retrato do commendador Antonio Santos, empresario do Colyseu, e principal cooperador d'esta festa

O Carnaval em Lisboa



A menina Maria Magdalena Leal
que obteve o 1.º premio no festival promovido pelo «Sculen»
no Colyseu dos Recreios

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

—XL—

O que foi o Carnaval este anno. Tres dias de tedio. Mau gosto, falta de iniciativa, e lama. As «matinées» dedicadas ás creanças. Já lá vae, o pesadello! — Os assumptos espiritas voltam á balha. As revelações medianimicas. O livro do sr. Fernando de Lacerda. A curiosidade publica. Os crentes e os incredulos. — Uma curta explicação.

Acentua-se de anno para anno a decadencia do Carnaval entre nós. Conhecidas são em demasia as razões em que se filia essa decadencia para que aqui insistamos nellas. Mas a mais lamentavel, sem duvida, é a manifesta falta de gosto desoladoramente impressa em todas as exhibições ou espectaculos.



O carnaval em Lisboa

Grupo de creanças que tomaram parte no baile infantil
do Athenaeo Commercial

O Carnaval reduziu-se, este anno, aos costumados bailes de mascarar nos theatros e á bicha cada vez mais reduzida dos cortejos e grupelhos de mascaradas pelas ruas. Pouco, muitissimo pouco, como se vê, mas o sufficiente para pôr em relevo a ausencia absoluta de iniciativa, de boa vontade, de gosto. Uma pelintrice roçando pelo rele, uma samsabória de anuviar os espiritos menos propensos á tristeza. Que miséria!

Durante estes tres dias tradicionalmente consagrados á folia, viveu-se em Lisboa com sacrificio. Quem poudes desertar, escapou-



O carnaval em Lisboa

Mascarados imitando o Cavallado do «O' da Guarda»
o Policia do «Pr'a frente» o Walter do Colyseu, etc.

(Cliché de A. C. Lima).

se para o Estoril, para Cintra, para a provincia. Mas os que cá ficaram viveram n'uma atmosphera de tedio verdadeiramente insupportavel. Foram tres dias de mau humor, de irritação, de quasi desespero. Nas ruas, a multidão, com um ar bisonho de rebanho, estacionava nos pontos mais concorridos horas e horas, esperando... o que nunca chegou: alguma coisa de bello, de interessante, de engraçado, pelo menos decente. Por vezes a chuva miuda e impertinente cahia empapando as calçadas por onde deslisavam de longe a longe alguns chichés pingões, aos tombos, trespalando a vinho e a immundicie, ou rolavam tristes carros de praça, sujos, n'uma marcha de enterro, conduzindo creaturas em cujos rostos se lia a desolação, macambuzias, como quem por cortezia vae apresentar cumprimentos de pesames.

O luto da corte obstou a que a boa-roda festejasse o deus folião, quer apparecendo em carruagens na Avenida, quer tomando parte



O carnaval em Lisboa

Cyclistas

(Cliché de A. C. Lima).

nas refregas de papelinhos e serpentinos nos clubs elegantes do Chiado.

As unicas notas interessantes d'este malfadado entrudo, que acabou entre suspiros de alivio de toda uma população, foram as «matinées» dedicadas ás creanças em D. Maria e no Colyseu dos Recreios. Ah, sim, ali passaram-se algumas horas de delicado prazer. A ale-

grã doida das creanças — e não a ha mais communicativa — conseguiu abrir um parenthesis de bem-estar na atroz chateza d'esses negregados tres dias. Foram duas festas brilhantes, delicadas, encantadoras mesmo. Appareceram bebês magnificamente mascarados, disputando premios que eram recebidos entre aclamações e gritos de alegria da petizada. Na multidão de pequeninos mascarados appareceram muitos vestidos com bom gosto, elegancia e riqueza. E era



O carnaval em Lisboa
Uma cavalcada

de enternecer a jovialidade das creanças e o natural desvanecimento das mães, commovidas á passagem dos seus bebês acolhidos com murmúrios de applauso.

E nada mais. Por fim, rompeu o dia de quarta-feira de cinzas aos ultimos grunhidos das corneas de barro e todos reentrámos na normalidade da vida, apoz um tremendo pesadelo de tres dias.

III!

Estão, novamente, em scena, sujeitos a uma discussão apaixonada e acaloradissima, os mysterios de alem-tumulo. D'esta vez não se trata, porém, da mania *réprisada* sempre com exito de falatório, das experiencias espiritas com mesa de pé de gallo, uma senhora que sua as estopinhas para dar recordos das almas que emigram — felizes d'ellas — d'este mundo de misérias. O caso é outro e, diga-se desde já, verdadeiramente interessante. Trata-se de revelações medianímicas, versadas n'um curioso volume que o sr. Fernando de Lacerda, cavalheiro primorissimo que toda Lisboa conhece e pesoa que pela sua reconhecida seriedade e ainda pela sua especial situação official está ao abrigo de quessquer suspeitas de mystificação, acaba de publicar com um exito enorme, facilmente explicavel pela originalidade do caso, e, tambem, pela inevitavel impressão que assumptos d'esta ordem exercem sempre sobre o espirito publico, seja qual for o grau de incredulidade, sincera ou affectada, de todos nós.

Essa impressão é grande e maior será, em breve, porque ainda agora a procissão vae no adro, isto é, ainda agora a imprensa co-



O carnaval em Lisboa
Carro da borboleta

(Clichs de A. C. Lima).

meça a tomar conta do caso com interesse, chamando portanto a attenção da grande massa do publico, avessa á leitura, e ainda menos á compra de livros. O sr. dr. Sousa Couto, advogado distinctissimo, verdadeiramente fanatico pelos assumptos espiritas, tem publicado,

na imprensa, curiosissimos artigos pretendendo explicar o phenomeno que consiste — digamol-o para conhecimento de algum leitor menos entendido em assumptos espiritas — em os espiritos dictarem trechos que o sr. Lacerda, alheio a si proprio, como um automato, passa ao papel não com a sua propria letra, mas em caracteres da forma calligraphica que caracterisava a escripta dos communicantes em vida. Assim, o livro, comporta trechos de Camillo, Eça, Pinheiro Chagas, Napoleão, Pio IX, padre Antonio Vieira, versos de João de Deus, etc. O volume, que se intitula *Do pais da luz e que ainda não li completamente* tem tido uma extracção grande e é discutido com paixão por bastante gente. As opiniões, é claro, dividem-se, não constituindo menor numero os incredulos, que riem não sabendo bem de que, limitando a sua critica sem base scientifica a chamar ao sr. Lacerda «secretário das almas do outro mundo» (epitheto que talvez tenha muita graça) e a alguns, propensos a acreditar no maravilhoso, que se sentem irresistivelmente levados a crer em tudo aquillo, tanto mais que já viram o espirito de Fulano, outros já ouviram palavras de Sicrano, á meia noite, quando passavam por um corredor, e ainda outros que attribuem a fortuna de Beltrano ao achado de um thesouro cuja existencia lhe foi revelada por uma alma penada, que pediu missas e esmolos...

Uma d'estas noites li algumas paginas do livro do sr. Lacerda, que me impressionaram. Para que negal-o? E por longo espaço de tempo me quedei pensando na felicidade d'aquelles que vêem e ouvem, ou julgam ver e ouvir, os que d'esta vida pariram para não mais voltar, pelo menos na forma humana, no fragil involucre que alveja o forte homem, meu irmão — *homo homini lupus*...

Peço licença para uma explicação, que tenho de dar aqui, por estar ausente, ha muito e sem saudades, da imprensa diaria: Que a



O carnaval em Lisboa
Carro das pombas

amavel direcção d'esta revista me releve a impertinencia e o bondoso leitor tambem. São apenas algumas palavras.

Um critico theatral recebeu nos bicos da sua pena acerada a minha ultima peça representada no theatro da Trindade. Esteve no seu direito e não serei eu quem lh'o conteste. Eu julguei sempre e sempre julgarei a opinião dos outros como sendo, pelo menos, tão acceptavel como a minha. Agradeço a declaração que esse cavalheiro faz de que não antipathisa commigo, agradeço mesmo a sova que entendeu dever applicar-me, e que Deus lancará em desconto dos meus peccados e á conta das boas acções do meu critico.

S. ex.ª confessa que eu persisto em não transigir com o paladar do publico. Obrigado! obrigadissimo! — e de todo o coração. E' essa phrase a melhor e maior compensação de toda a minha ingloria vida de obscuro trabalhador do theatro. Ao seu auctor, o sr. Luiz De-rozet, aperto cordialissimamente a honrada mão com que escreveu essas palavras.

Effectivamente eu nunca transigi nem transigirei com o paladar do publico, estragado por condimentos que o sr. Deronet tem flagellado — quando calha — nos seus artigos de critica. *Nunca transigirei*. Aqui fica o aviso áquelles a quem o atavismo leva a cumprir o rude fado de desfazer com os pés o que muito ou pouco custou a architectar á cabeça dos outros.

Elles que continuem. A caravana vae seguindo...

CAMARA LIMA.

N'um conselho de guerra:

- O rei é catholico?
- Não, senhor.
- É protestante?
- Não, senhor.
- Que é então?
- Sou primeiro sargento.



O carnaval em Lisboa

MENDIGOS

A tarde era de outono, serena, e quasi findava.
A passareda chilreava, a brisa era ainda branda: uma meiguice ineffavel dada por Deus, pairava no ar.

A rua era de passeio: luvia o luxo do gôso.
E um mendigo encostado a uma parede, a barba muito branca, a cabeça tambem, com o seu capote no fio: coitado, estendia a mão!
Passavam dandys que não olhavam, passavam senhoras de sedas brilhantes deixando no ar perfumes caros, jovens rindo muito alegres, e ninguém fazia caso.

O pobre velho estendia sempre a sua mão que já tremia, descanhada, implorando — pois se elle tinha fome!
E em casa, uma netinha muito loira, linda como um cherubim: coitadinha, soffrendo já jejuns.

Vinha agora passando uma linda senhora.
Como ella era bonita com o seu cabello em ondas douradas, esbelta como um lyrio; e quanto lhe ficava bem o seu vestido azul!
Com o perfil que tinha meigo, parecia um anjo.

E parou, procurou na sua bolsa de prata, pegou n'uma moeda, deu-a ao mendigo.

— Nossa senhora a abençoê... que tão linda é!

Ella sorriu, juntou-se a outras: e lá foi cheia de graça, rua fora...

Mas veio um policia.

Os homens são egoistas, nada perdoam.

Fallou em leis, agarrou no pobre; queria leva-lo para a prisão.
Como os homens são duros!

O velhinho olhou o seu anjo: já hia no fim da rua, rindo alegre, sem nada saber...

Ficou aquelle homem mau sem coração. E não o queria ouvir.
— Mas eu tenho em casa uma netinha, não tem outro amparo, que será d'ella... e tem fome! — Dizia o pobre avô.

O policia hia-o levando.

O velhinho chorava: paráram alli umas creanças que vieram curiosas e já saltavam a rir, ninguém se importava; a tarde era sempre meiga, tudo era alegre, Deus não via, e a netinha tinha fome!

Porto — Janeiro — 1908.

Armando Faria Guimarães.

Na aldeia

(A. ELISA)

MOTE

Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflora:
Em sendo triste, canta, em sendo alegre, chora!
O amor simplicidade, o amor delicadeza...
Ai, amor sabe amar, a gente portugueza!

De A Cria das Cardenas por JULIO DANTAS.

Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflora,
Bebendo orvalhos d'alma e o sol do coração,
O amor que vence tudo, o amor dedicação,
Que em sendo triste, canta, em sendo alegre, chora!

O amor que não calcula, e só amor implora,
Que falla sem reboço e foge à escuridão,
O amor que é natural, o amor que é affeição,
Aquelle que não se occulta e cresce à luz d'aurora!

Tão bello e tão sublime! Alegria e não esmaga...
Oscula sem ferir... dá luz que não se apaga...
O amor simplicidade, o amor delicadeza...

O amor que galga o mar, seguindo firme o norte,
O amor que vive sempre, o amor até à morte...
Ai como sabe amar a gente portugueza!

17-2-1908.

Marianna de S. B. Ross.



Grupo de officiaes expedicionarios que partiram na expedição para a Guiné, em 11 de março de 1908



Marechal Hermes da Fonseca
Ministro da guerra no Brasil

(Photographia Bastos Dias — Rio de Janeiro).

O atentado de que ia sendo victima em 15 de fevereiro ultimo, no Rio de Janeiro, o ministro da guerra, marechal Hermes da Fonseca, deu notoriedade flagrante ao seu nome e chamou a attenção publica para a sua alta categoria social.

Contra esse attentado brutal, filho de uma repugnante conspiração, protestou indignada toda a imprensa brasileira, que considera o ministro da guerra um amigo desvelado do exercito e um patriota eminente, que n'uma longa vida militar e em commissões da maior responsabilidade official, tem prestado ao seu paiz os mais desinteressados e os mais relevantes serviços.

Tem apenas 53 annos o marechal Hermes da Fonseca, pois nasceu em 1855, na cidade de S. Gabriel, Rio Grande do Sul. É bem um filho d'essa terra privilegiada, que tantos homens eminentes tem dado ao exercito de terra e mar, ao alto funcionalismo, á diplomacia e ás letras brasileiras.

Foi seu pae o marechal Hermes Ernesto da Fonseca e seu tio o glorioso generalissimo Deodoro da Fonseca, proclamador da Republica e seu primeiro presidente.

Não tem conta as commissões importantes desempenhadas pelo actual ministro da guerra. No governo passado foi elle o commandante do 1.º districto e promoveu as grandes manobras de Santa Cruz. Commandou, durante longo tempo a Brigada policial e a Escola preparatoria e de tactica do Realengo, e durante o impedimento do dr. Cardoso de Castro assumiu a chefia da policia do Rio de Janeiro.

Faz parte ha 37 annos do exercito brasileiro, no qual sentou praça a 25 de setembro de 1871. Em 1876, depois de ter cursado artilharia na Escola Militar, era promovido a primeiro posto como segundo tenente. Em 1879 era transferido para a guarnição da então provincia do Pará, era capitão em 1881, voltava para o 2.º regimento, e em 1884 era transferido para o Estado maior de artilharia, datando dahi o inicio das importantissimas commissões que tem desempenhado.

Contam-se entre as mais valiosas a de ajudante da Escota de tiro, ajudante do tenente general barão de Alagoas, commandante da Escola Militar, da Companhia de alumnos, e do batalhão de engenharia, ajudante do conde d'Eu na viagem que o principe fez a diversos Estados do Brasil, e em 1888 seguiu para Mato Grosso como assistente do quartel mestre general junto da expedição commandada pelo general Manuel Deodoro da Fonseca.

Regressando, assistia á proclamação da Republica, e sendo promovido a major em 7 de janeiro e a tenente coronel em 8 de outubro de 1890, é escolhido para secretario do generalissimo Deodoro na mesma occasião. Foi novamente transferido para o segundo regimento como commandante, depois para o estado maior do marechal Floriano e logo a seguir para director do arsenal de guerra da Bahia. De volta d'essa commissão e em virtude do movimento revolucionario de 11 de setembro foi nomeado commandante das forças em operações, em Niteroy. Em outubro, posto á disposição do ajudante general do exercito, em 1894 nomeado para organizar a escola de sargentos do Realengo, indo novamente commandar o 2.º regimento da artilharia de campanha, em agosto de 1899 nomeado commandante da Brigada policial e a 13 de julho de 1900 general de brigada.

Promovido dahi a pouco a general de divisão assumiu o commando do 4.º districto militar até 6 de novembro, em que attingiu a elevada posição de marechal.

Tal é o homem illustre, com uma larga folha de serviços, entre os quaes avultam os que como ministro tem prestado ao exercito do seu paiz, o cidadão eminente contra cuja preciosa vida attentou criminosamente um cabo d'esse exercito que tanto lhe deve, tal é o brasileiro benemerito, cujo retrato honra hoje esta pagina do *Brasil-Portugal*.



Dr. Ardisson Ferreira

Aqui está um nome que apesar de ser de um homem novo não deve passar despercebido, pois merece que sobre elle recaiam as attensões dos que se dedicam ao cuidadoso estudo da creança, da sua alimentação, da sua hygiene, do seu desenvolvimento physico. É sob todos os pontos de vista precioso e útil um livrinho que acaba de apparecer com este modesto titulo: «Guia das mães. Subscreeve o o dr. Ardisson Ferreira, que attiladamente comprehende que espalhar publicações d'esta indole é cumprir uma das mais bellas missões do sacerdocio medico. Dando o seu retrato e publicando o artigo, que vem firmado pelo seu nome, cumpriremos um dos muitos deveres que se impoem o «Brasil-Portugal», quando ao traçar o seu programma, prometteu ser o porta-voz de todos os que nas suas forças contribuem para o cultio e aperfeiçoamento da raça portugueza.

Casamentos consanguineos

A questão da consanguinidade, e do casamento entre individuos do «mesmo sangue», tem sido muito debatida.

As opiniões dividem-se; assim, auctores ha que accusam a consanguinidade de exercer acção pernicioza, quer diminuindo a fecundidade dos esposos do mesmo sangue, quer tornando menor a vitalidade dos filhos. Ora esta influencia não é infallivel; ha casos, não muito raros, em que se não manifesta e só, por exemplo, pelo facto de haver, proporcionalmente, mais creanças defeituosas provindo de casamentos consanguineos do que de casamentos cruzados, não é logico concluir que a reciprocidade é verdadeira, quer dizer, que a união entre pessoas da mesma familia de, fatalmente, origine a filhos surdos mudos, estereos ou idiotas.

Outros entendem que, se a familia é perfeitamente sã, desde o auctor commun dos consanguineos que pretendem casar; se não ha predisposições moribidas nem taras organicas de qualquer especie, o casamento deve ser consentido e até aconselhado.

Vejamos se é possivel apurar de que lado está a razão.

Consanguineos são todos os individuos que pertencem a uma mesma familia. Consanguinidade é a relação que entre elles existe. Quanto mais afastados do procreator commun estiverem os consanguineos, maior é a consanguinidade.

Ordinariamente, consideram-se consanguineas as creanças que, nascidas do mesmo pae tem mães diferentes; ulyerinas as que, provindo da mesma mãe tem paes diversos, e germanas as que são filhas do mesmo pae e da mesma mãe.

Esta distincção não importa ao medico, que considera consanguineos todos os individuos nascidos do mesmo sangue, todos os individuos ligados por parentesco, em linha *collateral*, principalmente, pois que os descendentes em linha *recta*, raro é que se encontrem passado o terceiro grau. Além d'isso, a consanguinidade em linha *recta* desaparece rapidamente (e julga-se hoje que, com ella, a hereditariedade) por causa da intervenção de um novo sangue que, em cada geração nova, vem diluir o primitivo, reduzindo-o a proporções inapreciaveis.

Prova-o bem o seguinte facto de observação corrente: da união de um branco com uma preta nascem, por exemplo, dois filhos; estas creanças apresentam todos os caracteres de cada uma das raças a que pertencem os paes. Se um d'esses mulatos casar com uma preta, no filho que d'ahi nascer o typo negro predominará sobre o branco; se este cruzar com outra preta, produzirá um filho com o typo perfeito da raça negra, sem caracter algum da raça branca.

Se, por outro lado, o segundo mulato, nascido da primeira união entre branco e preto, se juntar com uma branca, o bispeto, suppondo que vão sempre casando com brancas, não terá reminiscencia alguma dos caracteres da raça negra.

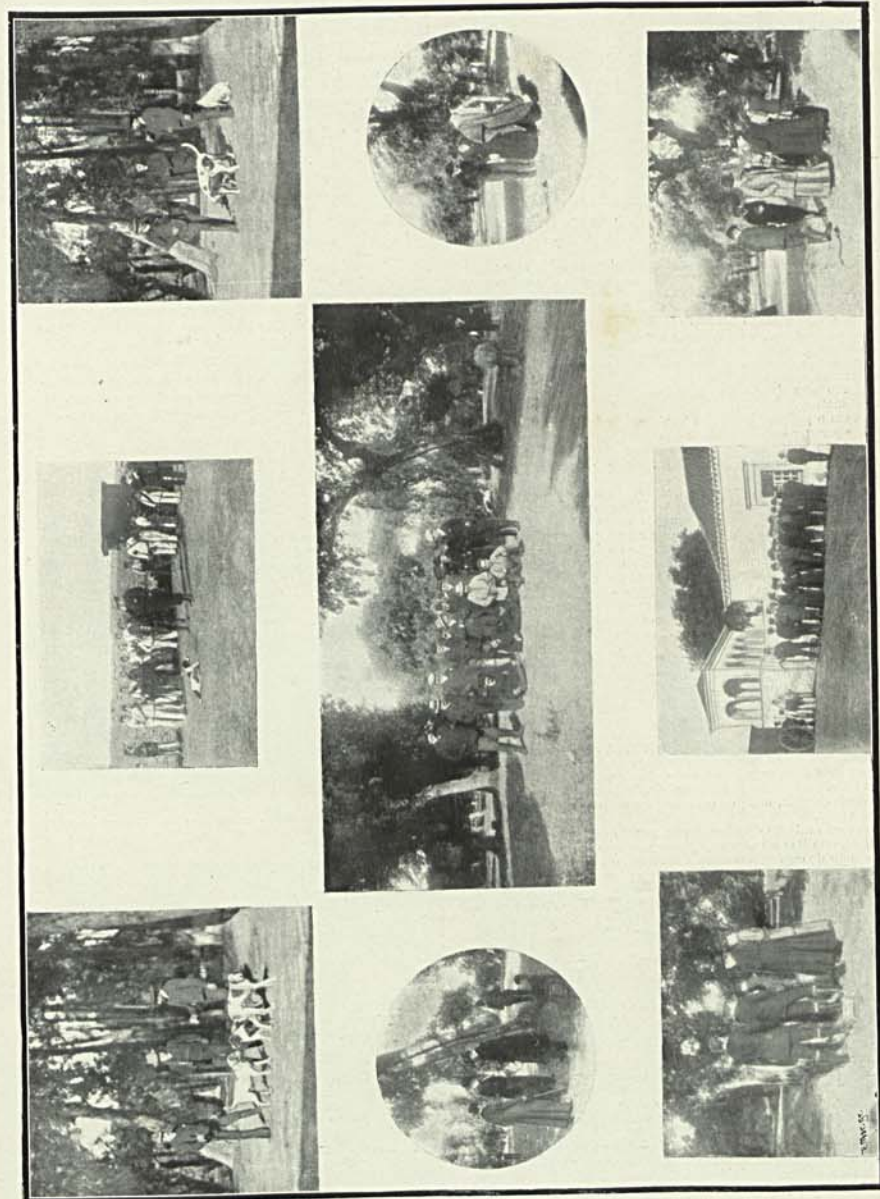
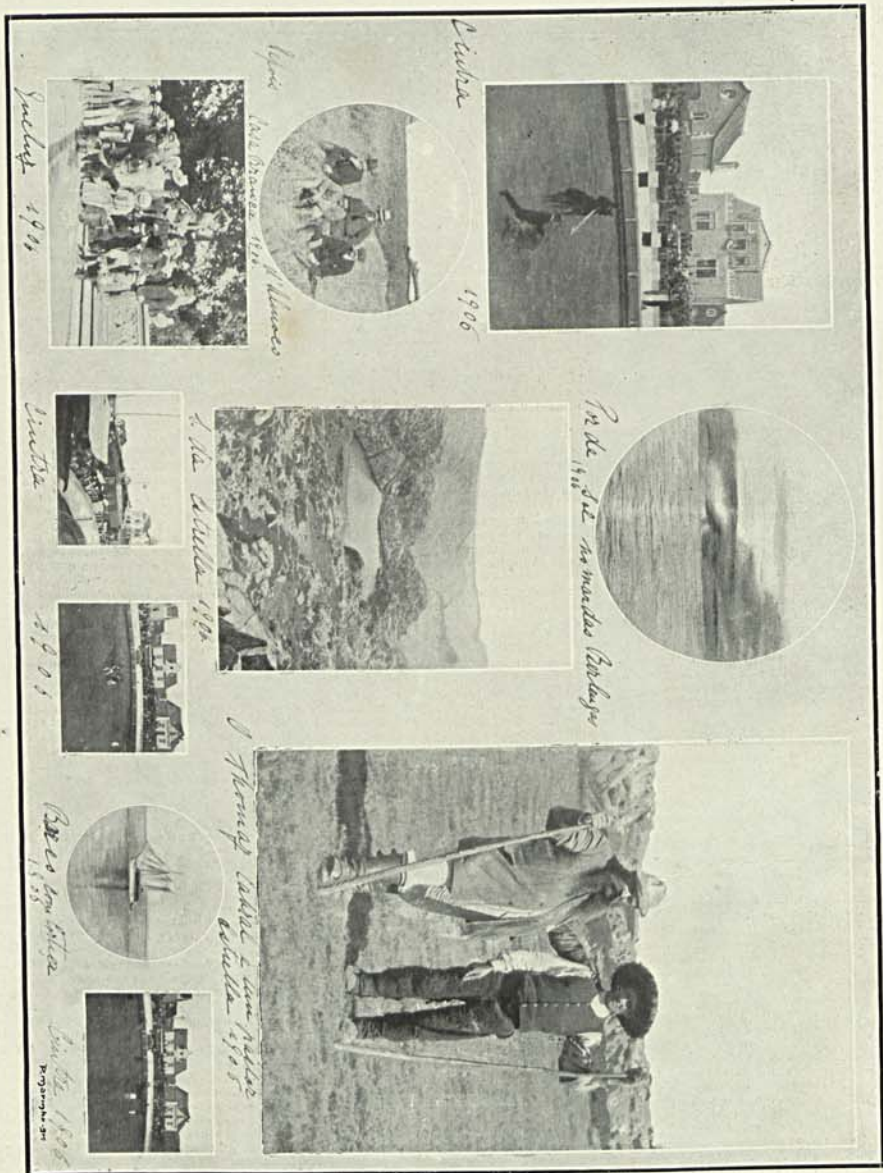
Pode-se, por consequencia, dizer que a consanguinidade desaparece a partir do quinto grau de parentesco.

O sangue tem horror a si mesmo na relação dos sexos, como quer Troplong?

Evidentemente não; a si mesmo, se natural esse sentimento, deveriamos encontrá-lo entre os annaes e nos povos selvagens, e é

Photographias tiradas pelo Principe Real Senhor D. Luiz Filippe

Do Album de S. A. R. existente no Paço das Necessidades



exactamente o contrário o que se observa; os povos primitivos, como é sabido, até permitiam uniões matrimoniais entre irmão e irmã.

Somos, portanto, obrigados a concluir que o que levou o celebre jurista a proibir o casamento entre consanguíneos, não foi, decerto, esse pretendido horror, sentimento artificial, filho da civilização, mas sim os princípios de moral, a ideia de que a família deve ser um santuário, onde não deve haver laços de afeições, consequência das relações íntimas que unem todos os membros, cujos inconvenientes seriam graves, se possível fosse a sua consagração pelo casamento.

As proibições religiosas ou legais contra a união entre indivíduos do mesmo sangue não foram deduzidas de qualquer consideração médica. Foi a moral que as ditou. Ora a lei que proíbe o casamento entre parentes em terceiro grau, tia e sobrinha, por exemplo, autoriza-o mediante uma dispensa, raras vezes recusada; por consequência, não seria melhor, uma vez que o que era imoral deixa de o ser pelo simples facto de se abrir os cordões à bolsa, que a lei e a religião entregassem a resolução do problema a quem de direito?

A moral é uma convenção, sabemos-lo; portanto, se se convencionou que era imoral o casamento entre consanguíneos, pelo horror que o sangue tem a si próprio na reprodução da espécie, porque negar esse horror todas as vezes que a Sua Santidade apraz deferir um requerimento de dispensa?

Os casamentos entre consanguíneos tem ou não inconveniente, sob o ponto de vista medico e hygienico, unico que nos deve interessar? E' o que vamos vêr.

As uniões do mesmo sangue limitam-se ás que se dão entre tio e sobrinha ou sobrinho e tia e entre primos co-irmãos; são estes, com effeito, os mais accusados de produzir filhos anormaes e doentes.

Na lista das doenças e imperfeições geralmente attribuidas à consanguinidade, figuram, em primeiro lugar, a esterilidade dos pais ou dos filhos, se, por acaso, foi fecunda a união dos primeiros; em seguida, os abortos, os vícios da conformação, desde as maiores monstruosidades aos dedos supra-numerarios, ao estrabismo, à gaguez ou à surmudez; depois, as doenças nervosas, da idiotia à «originalidade», passando pela epilepsia e pela alienação mental, e, finalmente, a morte prematura.

Quasi toda a pathologia e até a teratologia, como acaba de vêr-se. Chega a parecer impossível que consiga viver qualquer producto de união consanguínea, tal é, segundo os auctores, Rilliet, por exemplo, a quantidade de doenças e de taras a que estão expostas as creanças nascidas d'estes casamentos.

Ha, evidentemente, da parte de quem tem estudado o assumpto, um exagero e uma falta de observação. Não queremos com isto dizer, que a consanguinidade não seja por vezes a causa remota de certas alterações organicas ou pathologicas; mas d'aqui a deduzir que a união entre pessoas do mesmo sangue ha de fatalmente produzir filhos doentes ou anormaes, vai longe. *Cuique sum.*

A influencia da consanguinidade pura não é infallivel. As consequencias apontadas como certas nem sempre o são. Assim, a pretendida esterilidade attribuida aos casamentos consanguíneos, é tão affirmada por Devay, deixa muitas vezes de se manifestar, a acreditarmos nos diversos exemplos citados, entre outros, por Howe, Beniss, Mitchell e Poncet.

Este ultimo, alias partidario da esterilidade, dá-nos a genealogia de uma familia mexicana, na qual foram extremamente frequentes as uniões entre parentes proximos e que, não obstante, tal foi a fecundidade, que 12 filhos produziram 102 netos e 276 bisnetos.

Cremos que basta este facto para provar que a consanguinidade não dá, forçosamente, lugar à esterilidade, nem mesmo à diminuição da actividade procreadora e à mortalidade precoce dos filhos.

Por outro lado, não está averiguado que o casamento entre parentes normaes produz sempre defeitos ou taras organicas; é o que se deduz dos 25 casos citados por Bourgeois, incluindo o que succedeu na sua propria familia, onde os cruzamentos entre parentes se deram amiaudadas vezes.

A observação attenta dos factos prova-nos que a consanguinidade, por si só, não tem a influencia perniciosa que lhe pretendem attribuir: o facto do casamento entre consanguíneos produz, por vezes, filhos anormaes, não pode, logicamente, levar-nos à conclusão de que sempre assim deva ser.

A generalisação é, além de illogica, absurda, pois que nos obrigaria a considerar tarada ou doente toda a humanidade, filha, di-lo a Biblia, de um unico casal, cujos descendentes forçosamente se cruzaram!

A raça hebraica, obrigada durante seculos a perpetuar-se entre si, não se conservou forte e sadia? As raças selvagens do interior da Africa e do Brasil, acaso contribuem para augmentar o quadro nosologico ou teratologico? Nos nossos saloios, onde abundam os casamentos de primas co-irmãos, nota-se porventura a degeneração da raça?

Diz-se que o cruzamento entre familias privilegiadas, nobres ou reinantes, conduz à degeneração; mas, quem nos afirma ser a consanguinidade pura a causa da desorganisação da especie? Não devemos inquirir se a vida desregada dos seus membros e a intervenção, tão vulgar, de sangue estranho contribuíram para isso?

Pode algum governar serem esses productos anormaes filhos da mistura pura de sangue nobre ou real?

Consequentemente, não se pode estabelecer que a consanguinidade seja uma causa de decadencia da familia ou da raça.

Incrimina-se a consanguinidade *sã*, quando se devia accusar a consanguinidade *morbida*. D'aqui a confusão e o erro.

Dois consanguíneos *sãos* não podem dar aos filhos o que não tem; se tiverem força e saúde, hão de, forçosamente, provocar filhos robustos e sadios; di-lo a razão e, o que é mais seguro, corrobora-o a observação imparcial e conscienciosa.

Por consequência: a união entre consanguíneos *sãos*, não tarados e sem differença apreciavel de idade, não pode, a nosso vêr, dar lugar a filhos anormaes. Se, porém, houver na familia qualquer doença hereditaria ou tara morbida, claro está que, n'este caso, o casamento do mesmo sangue pode fornecer productos piores do que o de sangue cruzado, embora cada um dos conjuges de sangue differente esteja affectado do mesmo principio morbido dos esposos consanguíneos.

A lei não pode, dão deve intervir nos casamentos consanguíneos, uma vez que não se oppõe à união de físicos, cancerosos ou epilepticos. Só o medico da familia, perfeito conhecedor do estado de todos os seus membros, pode emitir voto.

Não havendo doenças chronicas, nem predisposições morbidas, transmissíveis por hereditariedade, a união consanguínea deve autorisar-se. Havendo-as, tanto é condemnavel o casamento entre indivíduos consanguíneos, como entre pessoas de sangue diverso.

Concluir o contrario, é negar valor à observação perfeita de tantos annos e dar ouvidos a preconceitos antiquados e menos verda-deiros.

ARIDISSON FERREIRA.

No Golungo Alto

As duas gravuras que publicamos sob este titulo representam a cinza ou *ritolua* na lingua dos naturaes do paiz.

É uma cerimonia que se effectua oito dias depois do fallecimento de qualquer indigena, a qual consista d'um banquete offerecido pela familia aos amigos e pessoas das suas relações acabando todos por se embriagarem — o que representa grande sentimento e indica opulencia.



Africa Occidental. — NO GOLUNGO ALTO — A cinza



Africa Occidental. — NO GOLUNGO ALTO — A cinza

Theatros

D. Amélia, *O Salão do Theatro Velho*; *O menino Ambrósio*. — **D. Maria**, *Triplepatte*. — **Trindade**, *Em nome do Padre...* — **Gymnasio**, *A vida de Camara Lima*. — **Avenida**, *A filha das ondas*. — **Rua dos Condes**. — **Príncipe Real**, *O actor Alvaro*. — **Colyseu dos Recreios**.

A tragédia de 1 de fevereiro e os ruídos acontecimentos que se lhe tem seguido, perturbando até aos seus fundamentos a vida portuguesa, vieram perturbar também esta secção do *Brasil-Portugal*.

Pecas novas tem passado por quasi todos os theatros, sem que tenha sido possível registá-las nestas columnas, aprecia-las, critica-las, segundo o velho uso d'esta Revista. E' que tantos e taes tem sido os casos occorridos, que por completo se apressaram de todas estas paginas, tomando-nos todo o espaço, incluindo aquelle em todos os numeros consagrado ao movimento theatral.

E, todavia, quantos exitos, quantos successos brilhantes tinha a marcar aqui a penna do nosso chronista habitual! E' que o espirito tem, através da vida e do luto d'estes dias, tirado a sua maravilhosa desforça, a sua absoluta *renanche*!

Como a graça, a verdadeira, a genuína, tem esfuado por esses palcos de Lisboa! Até parece ter adividado a distancia o carnaval para provar que se este está condemnado a morte, e se, troço, se arrasta ainda, o espirito, ao contrario, não morre, das cinzas que deita em cada anno, parece ressuscitar no seguinte, e n'este mais ainda, que nos anteriores mostrou-se em todo o seu brilho.

Quando dizemos o espirito é claro que lhe damos fôros de internacionalidade, entre outras razoes pela principal: a de não ter patria. Sendo veja-se como este animo se bateram com valentia, nos principaes palcos dos theatros de Lisboa, o espirito portuguez e o espirito francez!

Do primeiro tem amostras esplendidas no **D. Amélia**, por exemplo, leem essa interessantissima e pequenina Revista *O Salão do Theatro Velho* que tem tido, só ella, o condão de dar enchesmes successivos ao elegante theatro e de fazer a alegria do publico que não panga de applaudir André Brun, o auctor feliz d'esse espirituoso acto, as scenas abundantes e os hilaritantes ditos, que por elle correm, e os interpretes, que por serem dos melhores, Angela, José Ricardo, Chaby, Herminia, Alves, Azevedo, Pinheiro, Josepha, Isaura, Cecilia Neves, Augusto Antunes, Carlos de Oliveira, Raphael Marques, Carlos Santos, e mais ainda, tanto realce e encanto deram à minúscula revista, que fizeram d'ella um prato indispensavel ao paladar lisboeta. Nem sei o que será de nós, n'este tempo de pesadelos e cecções, quando nos arrancarem do **D. Amélia** *O Salão do Theatro Velho*.

E que nos dizem d'essa engrandissima *pochade* que atravessou o carnaval d'esse theatro e ainda até hoje se não mostrou cançada: *O menino Ambrósio*, libermente traduzida pelo mesmo auctor da Revista n'um acto, André Brun, d'esse amado *Coup de Zarnac*, que veio continuar em Lisboa a serie dos seus triumphos. Brun, d'aquelles que no theatro chega, vê e vence, teve triumphos de razão em querer que os artistas do *Salão do Theatro Velho* fossem na maior parte os mesmos de *O menino Ambrósio*. E em ambas tões bem elles se saem das suas responsabilidades que o publico os applaude por igual, como se o original portuguez fosse a continuação da espirituosa comedia franceza.

Em **D. Maria** fez as delicias da sala aquella desopilante *Triplepatte*, muito bem vertida por uma senhora, D. Adelaide Pinto, da comedia franceza, em 5 actos, de Bernard e Godfrenaux.

Não tem graças equivocas, nem situações banaes, nem jogos enfiados de palavras. Ao contrario, é graciosa sem pretenções, leve, repassada de toda a *cerce* franceza, interessante pela acção e pelo imprevisto. Pode dizer-se que na *Triplepatte* entra toda a companhia, e por isso difficil se torna citar nomes, mas se alguns quizessemos destacar, não nos furtaríamos a dizer que Ferreira da Silva n'aquelle interessantissimo visconde de Hugan, e Maria Pia na não menos interessante baroneza Pepin, são figuras de comedia com tal destaque que se fixam para sempre na retina e na memoria.

Depois da *Madame Facart*, que a empreza ressuscitou dos seus archivos, e em que tem cunho especial o magnifico desempenho de Theresza Taveira, Cremilda, e Almeida Cruz, um original portuguez subiu à scena na **Trindade**. E' a revista em tres actos, *Em nome do Padre...* de nosso collaborador effectivo, Camara Lima.

Quem dá vida às pecas, sobretudo ás de caracter popular, quem as mantém, quem as consagra, não são os criticos, não são os censors, não são os exigentes. E' o publico, é a massa anonyma, é aquella que actua pelo sentimento, pela emoção, que tanto se manifesta em gargalhadas como em lagrimas. Ora esse publico enche todas as noites o velho theatro, applaude o auctor, ri com as situações, chama os artistas, decora os *couplets*, elogia a empreza, interessa-se, enfim, logo a peça é boa. E contudo ella não é a que Camara Lima quiz que fosse; e que podia fazer-la melhor o auctor das *Faças contadas* não resta duvida. Mas, a revista, é de todos os generos theatraes aquelle que hoje em dia mais exigencias impõe e mais torturas inflige.

O auctor não faz o que entende, não está à vontade. Aqui amenisa, ali cortia, acolá desmancha, e por toda a parte, por todas as phrasas, por todas as situações, está na dependencia autocratica... da policia.

Pois apesar das imposições e dos côrtes, e até das más vontades

d'aquelles que nada produzindo são os que mais exigem, a peça de Camara Lima está em pleno successo theatral, graças ao espirito que por ella corre, aos numeros felizes de musica, que confirmam a competencia de Filipe Duarte, à *mise-en-scène* opulenta que prova o gosto, a consciencia e a sciencia theatral do empresario Taveira, e graças enfim, ao brilhante desempenho, em que se salientam nos seus comicos e difficeis papeis, Theresza Taveira, Amelia Barros, Cremilda, Delphina Victor, Emilia de Oliveira, Gomes, Taveira, Correia, Armando, Conde, Vianna, etc. Todos estes elementos conjugados atraem e satisfazem o publico que enche todas as noites a sala da **Trindade**.

O *Filho milagroso*, o *Pinto calçado* e o *José do Egypto* são as pecas de resistencia do **Gymnasio**, que parece não precisar pôr outras em scena, porque estas tem o condão de não envelhecer. Nasceram muito antes do carnaval, atravessaram todas essas noites, e ellas ainda frescos e triumphantes!

Entre ellas apenas uma comedia n'um acto offereceu aos seus habitus o velho **Gymnasio**. E' *Os marnellos da condeza*, de Antonio Mello de Almeida, que foi acolhida com agrado, indicando ao auctor que não errou o caminho, e que continuar, para quem assim coveja, chega a ser uma obrigação.

No **Avenida**, a *Filha das ondas* está sendo uma filha estremecida... do publico, que se não farta de a applaudir e applaudir os artistas que a interpretam. E' uma das suas scenas mais interessantes que hoje reproduzimos pela photographia.

Nunca mais sae do palco da **Rua dos Condes** o *Vae ou racha*, revista popular por excellencia, e o **Príncipe Real**, que podia ter posto em scena um drama com este titulo: *O bom filho à casa torna*, preferiu representar o actor Alvaro em peça, pela primeira vez representada entre nós: *Nossa Senhora de Paris*, extrahida por Maurice, do famoso romance de Victor Hugo e traduzida com a costumada correcção por Maximiliano de Azevedo.

No proximo numero consagraremos a peça e ao desempenho attenção mais demorada.

Resta o **Colyseu dos Recreios**. Esse parece que está ainda a desparregar gente, toda a gente que encheu a cunha o seu vastissimo salão em todas as noites de espectáculo e baile, durante o carnaval.

Numeros novos como os dos gymnastas e o seu trapezo artistico tem, desde então, atrahido novo publico, mas infelizmente annuncia-se para breve o desaparecimento da companhia que tantas noites alegres proporcionou à cidade de Lisboa.

JAYME VICTOR.

E... VIVO AINDA!

Vê! Na expressão dorida d'estes versos,
Que um longo beijo virginal perfuma,
Puz toda a magoa que este amor resuma:
— Laivos de sonhos mortos e dispersos...

Vieram de Ti e p'a Ti vi, conversos
Numa condensação de branca espuma!
Vê, Orgulhosa, é assim que a Alma exuma
E acorda os mortos entre cinza immersos!

Olha, vem ver a campã, — o Coração...
Aqui morreu a arvore da Illusão,
— E o fundo é bom p'a alimentar raizes!

O teu olhar é interrogativo...
Bem sei, perguntas como ainda vivo?
— E' que o passado é o pão dos infelizes...

XXX-XI-60.

Manoel Rosa.

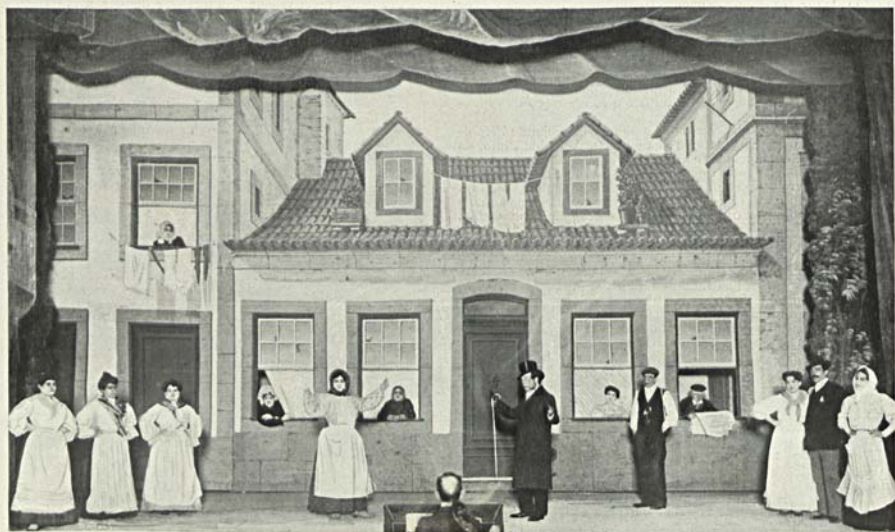


Na Beira Alta. — CONCELHO DE TABOÁ
Uma habitação no Espadanal

THEATROS



THEATRO DA AVENIDA.— A filha das ondas
Caravela da Ambição



THEATRO DA TRINDADE.— Em nome do padre
Uma scena do 2.º acto